

A construção do campo antropológico no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1870-1900):

campo de idéias & campo de ciência

Adriana T. A. Martins Keuller – PPG-USP

Pretendemos analisar neste trabalho, a construção do campo científico da Antropologia dentro de um importante espaço de ciência do séc. XIX: o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Atentamos para o fato de ser esta instituição científica um museu de ciências naturais, com práticas e procedimentos voltados para a coleta, descrição e classificação de objetos. Na segunda metade do século XIX, num processo de especialização do conhecimento científico, as ciências naturais começam a dividir seus interesses e seus objetos que até então eram compartilhados, surgindo novas disciplinas como a Antropologia.

Tomamos a definição de campo científico¹, tal como proposto por P. Bourdieu, pois ele é um espaço intermediário entre o conteúdo textual e os contextos sociais, onde se inserem os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência. Este espaço, entendido como dinâmico, marcado por lutas, pode ser definido como um microcosmo do mundo social com leis sociais específicas que regem, com particularidade, as relações entre os agentes. Nesta perspectiva consideramos importante atentar para os procedimentos de realização dos trabalhos dos cientistas do Museu Nacional, nos temas que orientam os debates e as pesquisas no período entre 1870 até 1900, examinando não só como a Antropologia está sendo construída enquanto um espaço autônomo mas observando a posição dos cientistas neste mundo particular.

Os primórdios desta ciência estão associados à atuação de Paul Broca na Sociedade de Antropologia de Paris fundada em 1860, bem como no desenvolvimento de pesquisas realizadas por ele e a expansão desta prática científica; ao movimento de descoberta da antiguidade do homem realizado por paleontólogos e geólogos nesta metade do século XIX, como por exemplo, os fósseis de Lagoa Santa encontrados pelo dinamarquês em Minas

Gerais; e a influência da publicação e da divulgação do livro *Origem das Espécies* de C. Darwin em todo este período².

Antes de seguirmos os passos daqueles que fizeram esta ciência no Museu Nacional do Rio de Janeiro, homens como J. B. Lacerda e J. Rodrigues Peixoto, devemos lembrar, como afirma B. Latour, da atuação de outras pessoas que viabilizaram a prática e a existência de tal ofício³. Este é o caso de Ladislau Netto, que durante sua administração no Museu Nacional no período de 1876-1893 constituiu o campo.

Sob sua direção, o regulamento do Museu Nacional sofre algumas modificações, entre elas, a alteração de seções e a inclusão de novas disciplinas. A Antropologia é alocada na primeira seção do Museu Nacional junto à zoologia e anatomia, demonstrando a concepção conferida a este conhecimento antropológico, um estudo da história natural do homem baseado nos conhecimentos anatômicos e fisiológicos e nas diferenças raciais.

Neste mesmo regulamento, cria-se uma Revista intitulada *Archivos do Museu Nacional*, local onde se publicam as pesquisas desenvolvidas dentro do Museu Nacional além de artigos de outros cientistas promovendo o diálogo entre instituições congêneres e a divulgação do conhecimento científico.

Divulgando a ciência para um vasto público e incentivando a formação de novos profissionais, o Museu Nacional promove os chamados cursos públicos, ministrados pelos diretores de cada seção. Além do mais este regulamento preocupa-se também com a admissão dos cientistas por meio de concursos públicos, a inclusão formal da entrada dos naturalistas viajantes dentro do quadro de funcionários, além de consagrar títulos de membro correspondentes aos nacionais e estrangeiros que se destacassem por sua atividade científica e colaborassem com o Museu Nacional⁴.

Demonstrando um interesse em reunir material para estudo dos primitivos habitantes do Brasil desde 1867, Ladislau Netto, botânico especializado e funcionário do Museu Nacional desde 1866, aponta a necessidade de especialização da prática antropológica e arqueológica, visto ser uma ciência que não é sua especialidade⁵.

Promovendo expedições a diferentes províncias do Império, Ladislau Netto em sua excursão ao Amazonas, coleta inúmeros artefatos indígenas, que somado a tantos outros enviados por governos e particulares de várias províncias do Brasil, resultou na Exposição Antropológica Brasileira. Este evento foi realizado em 1882 no Museu Nacional do Rio de Janeiro que segundo Faria, permite ampliar a grandeza do Museu Nacional e do Império do Brasil. Disposta em salas nomeadas por uma seleção de cientistas, entre uma galeria de patronos, a de Antropologia é denominada Sala P. Lund e expõem esqueletos e crânios de indígenas, ossos de sambaquis e fotografia de botocudos. Nesta mesma sala constam os diplomas da Exposição Antropológica de Paris de 1878 concedidos pelos trabalhos de antropologia brasileira ao Dr. João B. Lacerda e Dr. J. Rodrigues Peixoto além de exibirem uma família de botocudos do Espírito Santo e três cherentes⁶.

Procurando auxiliar nas pesquisas da origem do homem americano, Netto exalta um interesse pelos problemas americanistas, especialmente na Arqueologia sul-americana, ambicionando realizar inclusive uma Exposição Antropológica Americana em 1884, que de fato não aconteceu. Participa inclusive do Congresso de Americanistas em Berlin em 1888 representando o Brasil e o Museu Nacional, exibindo ali artefatos cerâmicos de Marajó de forma a auxiliar nas discussões sobre o caráter paleo-etnológico das nações pré-colombianas do vale do Amazonas⁷.

Depois de analisarmos a atuação de L. Netto no fortalecimento do campo antropológico, voltamos nossa atenção para aqueles que fundamentam esta ciência no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Dr. João B. Lacerda, médico de formação, clinicava na cidade de Campos no Rio de Janeiro quando foi convidado pelo Ministro da Agricultura, Conselheiro Tomás Coelho para assumir em 1876 a subdiretoria da seção de “antropologia, zoologia, anatomia comparada e paleontologia animal” sob a gestão de L. Netto, diretor do Museu Nacional⁸. Auxiliando as atividades científicas, temos a presença de outro médico dentro desta seção denominado Dr. José Rodrigues Peixoto que desenvolveu vários trabalhos com Lacerda.

Para compreendermos o processo de construção deste campo científico vamos nos ater em alguns trabalhos desenvolvidos por eles e publicados nos *Archivos do Museu Nacional*, local onde produzem e difundem o conhecimento antropológico. O primeiro estudo de Antropologia de autoria de Lacerda e Rodrigues Peixoto é publicado em 1876 no primeiro volume da revista do Museu intitulado “Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil”.

Demonstrando conhecer os procedimentos da prática antropológica, Lacerda e Rodrigues Peixoto baseam-se nos estudos de franceses e alemães que alargaram os horizontes do conhecimento antropológico como Virchow e Topinard e franceses Broca e Quatrefages, entre outros. Definem a Antropologia, como um ramo das ciências naturais, constitutiva dos estudos dos caracteres físicos complementados dos estudos anatômicos das diferentes raças humanas. Afirmam que tais estudos não tinham encontrado adeptos entre os homens científicos do Brasil, diferentemente de outras regiões do continente americano, que apresentavam adiantados estudos como os desenvolvidos pelo norte-americano S. Morton e pelo argentino F. P. Moreno. Nesta pesquisa, compararam os diferentes crânios constitutivos da coleção do Museu Nacional para emitir algumas considerações sobre as raças indígenas do Brasil.

Realizando um estudo comparativo de 5 séries de um total de 10 crânios, os autores demonstraram o predomínio da dolicocefalia entre os primitivos do Brasil além de constatarem que as raças indígenas atuais, representados pelos botocudos, apresentavam uma mistura de dois tipos diferentes⁹.

Procurando divulgar o conhecimento científico por meio dos cursos públicos, Lacerda ministra o primeiro curso de Antropologia em 1877, com duração de dois anos. Publicado nos *Archivos* neste mesmo ano, Lacerda pretendia formar novos profissionais que o auxiliassem nas tarefas de desenvolvimento da prática antropológica. Buscando sedimentar a base desta nova ciência, Lacerda enfoca os conhecimentos fisiológicos e anatômicos do homem, de forma simultânea, como por exemplo: apresentando os estudos fisiológicos, expondo as funções dos organismos e de cada órgão ou aparelho do homem. Neste curso

ele aborda também pontos importantes a respeito de problemas sociais comuns no Brasil, como nutrição e a fome, associados aos estudos fisiológicos¹⁰. Ainda neste programa, Faria comenta que Lacerda trataria do “estudo das raças humanas, principalmente da América, tocando incidentalmente nas questões de herança, mestiçagem e aclimação; as grandes questões gerais de monogenismo, poligenismo e transformismo ficariam por fim”¹¹.

O outro trabalho aqui analisado é de autoria de Rodrigues Peixoto intitulado “Novos estudos craniológicos sobre os botocudos” publicado nos *Archivos* em 1885. Empregando a antropometria orientada pela escola de Broca, Peixoto faz uso de vários trabalhos da antropologia francesa e alemã como Toppinard, Virchow e Quatrefages de forma a desenvolver um estudo comparativo dos caracteres craniológicos dos índios do Brasil por meio da ampliada coleção de crânios do Museu Nacional. Procurou reconstruir e caracterizar os tipos craniológicos dos Botocudos além de realizar uma investigação sobre o problema das filiações de forma a contribuir para o estudo da origem do homem americano¹². Apresentando comparações entre os índios botocudos, tupys e sambaquis do Brasil meridional, Peixoto tece importantes comentários sobre os índios tupys como observa Faria em seu estudo¹³.

Ainda nesta pesquisa, Peixoto analisa um grupo de 7 botocudos da tribo Nak-nanuks, oriundos do aldeamento do Mutum do rio Doce que estiveram na ocasião da Exposição Antropológica Brasileira de 1882, coletando alguns dados antropométricos entre índios vivos. As observações seriam agrupadas num estudo completo deste grupo étnico pois, como comentou Peixoto, “devia ter algum valor, por ser a primeira vez que os indígenas do Brasil serem submetidos a um estudo verdadeiramente científico como é a antropometria”¹⁴.

Considerando alguns aspectos sobre a estrutura entre os agentes deste campo científico, vejamos que Lacerda e Peixoto desenvolveram um papel às pesquisas antropológicas, que foi elogiado por Broca e pelo próprio Quatrefages, cujo mérito foi reconhecido também na comunidade científica francesa de antropologia em 1878¹⁵.

Mas coube a Lacerda, além do reconhecimento científico e de um certo prestígio pessoal, o título de primeiro antropólogo brasileiro por Faria e Seyferth em estudos

diferentes¹⁶. A conquista de importantes posições frente à instituição, levou-o a direção da seção de antropologia, a direção interina do Museu Nacional na ausência de Netto e a posterior direção desta instituição, cargo este que ocupou por mais de 20 anos entre os anos de 1895 até 1915. Seu reconhecimento internacional foi alcançado com seu estudo sobre os fósseis de Lagoa Santa publicados na *Memória da Sociedade de Antropologia de Paris*, recebendo elogios de Broca e Quatrefagues, além dos diversos congressos internacionais que participou.

Defendendo a idéia de que o índio americano era fruto do solo americano, Lacerda e Peixoto divergiam em algumas questões a posição de Netto¹⁷. Mas sempre fizeram uso das mais diferentes vertentes da antropologia em seus trabalhos. Preocupando-se em dar um lugar ao índio na ordem imperial, Lacerda e Peixoto realçaram a inferioridade dos índios botocudos e afirmaram que os tupys e os guaranys eram mais civilizáveis.

Se a antropometria procurou estabelecer o lugar biológico do homem na natureza e delimitar a particularidade de suas raças, homens como Lacerda e Rodrigues Peixoto, acostumados com o sistema de medidas do corpo humano desenvolvido por minúcia por P. Broca, tornou a seção de antropologia do Museu Nacional num espaço de experiência para o desenvolvimento de pesquisas no Brasil. Utilizaram-se do método craniométrico para tratar das diversidades das raças primitivas, de suas modificações sociais e de suas migrações, questões relevantes da comunidade científica antropológica.

Vivenciando o momento turbulento pós Guerra do Paraguai e o fim do Império, defenderam a missão científica e civilizadora da ciência e aplicaram seus discursos científicos à prática social. Foram esses homens que, por interesses institucionais, pessoais ou religiosos auxiliaram a construção de uma imagem do Brasil. Ajudaram a demarcar os limites territoriais, promover as luzes do progresso ao mundo selvagem, desenvolver a indústria, auxiliar no trabalho de civilizar os índios, além de unir o passado e o presente deste povo. Mostraram aos vizinhos americanos que o Brasil apresentava traços singulares de força e grandeza.

Com a atuação de homens como Netto, Lacerda e Peixoto, construtores e organizadores deste campo científico, a Antropologia foi ganhando espaço e autonomia frente às outras ciências do Museu Nacional.

¹ BOURDIEU, P. (2004). **Os usos sociais da ciência: para uma sociologia clínica do campo científico**. SP: UNESP. p. 20.

² FARIA, L. C. (1999). **Antropologia escritos exumados II**. Niterói: Eduff.

³ LATOUR, L.(2000). **Ciência em ação como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. SP: UNESP. pp. 245-289.

⁴ LOPES, M. M. (1997). **O Brasil descobre a pesquisa científica os museus e as ciências naturais no século XIX**. SP: Hucitec. pp.159-161.

⁵ NETTO, L.(1885). “ Investigações sobre a arqueologia brasileira”. In: **Archivos do Museu Nacional**. VI.

⁶ **Guia da exposição Brasileira de Antropologia realizada no Museu Nacional do Rio de Janeiro a 29 de junho de 1882**.(1882). RJ: Typ. Leuzinger & Filhos. p. 2; FARIA, L. C. (1993). **Antropologia – espetáculo e excelência**. RJ: Tempo Brasileiro. pp. 67-69.

⁷ NETTO, L.(1891). “Gazetilha”. In: **Jornal do Commercio do Rio de Janeiro**.13/12/1891. p. 1.

⁸ FARIA, L. C. (1998). **Antropologia escritos exumados I**. Niterói: Eduff.p.126

⁹ LACERDA, J. B. & PEIXOTO, J. R. (1876). “Contribuições para o estudo das raças indígenas do Brasil”. In: **Archivos do Museu Nacional**. vol. I. pp. 47-75.

¹⁰ LACERDA, J. B.(1877). “Resumo do Curso de Antropologia”. In: **Archivos do Museu Nacional**. Vol. II.

¹¹ FARIA, L. C.(1998). *Op. Cit.* p. 134.

¹² PEIXOTO, J. R. (1885). “Novos estudos craniológicos sobre os botocudos”. In: **Archivos do Museu Nacional**. vol. VI. pp. 205-256.

¹³ FARIA, L. C.(1999). *Op. Cit.*.p. 39.

¹⁴ PEIXOTO, J. R. (1885). *Op. Cit.* p. 208.

¹⁵ DOMINGUES, H. & SÁ, M. (2001). “Controvérsias evolucionistas no Brasil”. In: DOMINGUES, H. M. B. **A recepção do darwinismo no Brasil**. RJ: Fiocruz. p.104

¹⁶ FARIA, L. C. (1998). *Op. Cit.* p. 126.; SEYFERTH, G. (1985). “A Antropologia e a teoria do branqueamento”.In: **Revista do Museu Paulista**. Vol. XXX.

¹⁷ LACERDA, J. B. & PEIXOTO, J. R. (1976). *Op. Cit.* p. 104.